

Jornalismo Internacional: Competências e Tecnologia¹

Kamila de Lima BRAGA²

Alberto MARQUES³

Universidade Católica de Brasília, DF

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar e refletir sobre as competências que um jornalista precisa ter para atuar como correspondente internacional e a influência das novas tecnologias, principalmente na contemporaneidade. Para isso, apresentamos um panorama do jornalismo internacional, os profissionais que atuam com ele, as competências e as tecnologias. Por se tratar de uma pesquisa teórica, utilizamos a revisão de literatura como instrumento de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo internacional; competências; tecnologia; correspondente internacional.

1. INTRODUÇÃO

Um dos cargos mais prestigiados do jornalismo é o de correspondente internacional. Muitas vezes jornalistas tornam-se correspondentes por serem filhos de pais estrangeiros, por “sorte” de serem chamados ou depois de muitos anos de experiência com o jornalismo local e rotineiro.

O mundo, principalmente o Brasil, atualmente, enfrenta uma grande crise econômica, e com isso as empresas cortam gastos e empregados, e para continuar no mercado é preciso ser cada vez melhor, ter mais conhecimento e experiência. Uma das áreas de atuação do jornalismo é o do correspondente que é impactada também por esse cenário, principalmente devido ao grande avanço da tecnologia.

Hoje, pessoas comuns noticiam fatos e o material é facilmente divulgado e acessado pela internet. Mesmo não tendo o conhecimento e habilidade do profissional de comunicação, essas pessoas podem fazer um trabalho semelhante, e os jovens que aceitam pouco dinheiro tomam espaço dos mais velhos e experientes por saberem, naturalmente, lidar melhor com as tecnologias.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Graduanda de Jornalismo na Universidade Católica de Brasília, email: kamila.braga5@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, email: alberto.marques@gmail.com

Antônio Brasil (2014) critica os cursos de jornalismo que dão mais importância para disciplinas humanísticas e menos para as práticas e mercadológicas, e acredita que o futuro da profissão jornalística poderia mudar se os cursos mudassem também.

O editor da editoria “Mundo” do jornal Folha de São Paulo, Fábio Zanini, acredita que os assuntos internacionais estão crescendo no Brasil, mesmo que a editoria de internacional não seja a mais lida, ela ganha importância. Podemos ver, por exemplo, a repercussão na mídia e o interesse dos brasileiros em acontecimentos recentes como, por exemplo, os ataques terroristas a Paris, no ano de 2015.

É nesse contexto que o nosso trabalho tem por objetivo apresentar características e competências dos jornalistas que atuam como correspondentes internacionais. De forma breve, buscamos também resgatar a história e o desenvolvimento da área de atuação. Como método de pesquisa, utilizamos a revisão bibliográfica⁴ (STUMPF, 2011) ampla em diversas obras e pesquisas sobre o tema.

2. JORNALISMO INTERNACIONAL

O Jornalismo Internacional tem grande importância na vida das pessoas, porque “pode contribuir desde a compreensão da posição brasileira no cenário mundial até entender quanto o jornalismo produzido em nosso país tem raízes estrangeiras” (BRASIL; SIQUEIRA, 2014, p. XII-XIII).

Ele é definido como uma especialização da profissão de jornalista, em que notícias comuns de um determinado país são passadas para outro, por um profissional de imprensa. O que seria um assunto doméstico em um lugar passaria a ser internacional em todos os demais (BRASIL, 2012).

As notícias internacionais, diferentemente das locais, são importantes para aproximar as pessoas, para conhecer, entender e respeitar outras culturas, costumes, solidarizar com situações de guerra em lugares distantes e pensar a respeito da relação entre países (DELLAGNELLO; BALDESSAR, 2013).

Não existe consenso sobre o nascimento do jornalismo internacional. Na bibliografia consultada, há indícios de que ele surgiu na Europa, no século XIX (NATALI,

⁴ “Num sentido restrito, [revisão bibliográfica] é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências ou dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na elaboração de um trabalho acadêmico”. (STUMPF, 2011, p 51).

2011). Contudo, o autor compreende que esse jornalismo já nasceu internacional, na Europa e América do Norte, no período mercantilista, na Idade Moderna, ao final do século XVIII.

Foi nesse tempo que os grupos mercantis distribuíam notícias impressas para o público sobre acontecimentos estrangeiros. “O jornalismo nasceu, isto sim, sob a forma de jornalismo internacional, com o formato de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes” (NATALI, 2011, p. 23).

Viera (2015) acredita na ideia de que esse jornalismo começou no século XVI, na Europa, com algumas pessoas transmitindo informações de um país para o outro, o que mais tarde seria o trabalho realizado por correspondentes estrangeiros. A modalidade surge quando o “banqueiro francês Jacob Függer von der Lilie criou a *newsletter* com o objetivo de receber de suas agentes informações que tivessem alguma utilidade para os negócios” (KUHN, 2005, p. 4).

Los Monteros (1998) confia na hipótese de que tenha nascido no século XIX, junto ao desenvolvimento da escrita, imprensa, indústria editorial, transporte e tecnologias de comunicação. Ao contrário do que pensa Natali, Los Monteros afirma que as notícias locais surgiram primeiro nos jornais, depois as internacionais, tanto pela falta de interesse do leitor em assuntos estrangeiros quanto pela dificuldade de reunir informações dos acontecimentos distantes.

Para o autor, as notícias internacionais só foram aparecer, diariamente na imprensa, depois da Revolução Industrial, com o surgimento da primeira agência de notícias internacionais chamada *Havas*, conhecida atualmente por *Agence France-Presse (AFP)*, fundada em Paris em 1835, por Charles-Louis Havas (LOS MONTEROS, 1998).

Marques de Melo (2003) também diz que o jornalismo local e o internacional só se concretizaram após as Revoluções Industrial e Burguesa – eventos que propiciaram uma grande produção e liberdade de imprensa.

No Brasil, o noticiário internacional começou com os primeiros jornais impressos como a *Gazeta*, lançada em 10 de setembro de 1808, e o *Correio Braziliense*, em 21 de abril de 1960. Na *Gazeta*, os leitores podiam acompanhar a guerra na Europa, por exemplo. E no *Correio*, a intenção era mostrar acontecimentos do exterior que podiam ser feitos pelo Brasil também (RUSKY, 2013).

Visão divergente tem Kuhn (2005) que diz que o jornalismo internacional no Brasil começou a ser veiculado em 1836, pelo jornal “*Gazeta Universal*”, em Pernambuco. Esse serviço chegou tardiamente ao país devido ao fato de as notícias serem enviadas por meio

de navios do exterior. As embarcações saíam da Europa para o Recife, e do Recife para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Aguiar (2015) conta que, no Brasil, o jornalismo internacional surgiu junto com a Ditadura Militar. Devido à censura aos meios de comunicação, principalmente aos assuntos políticos nacionais, a solução foi os veículos usarem os assuntos internacionais, muitas vezes até para fazer comparações do exterior com o Golpe de 1964, sem deixar tão explícito o problema (AGUIAR, 2015).

3. OS JORNALISTAS

Os profissionais que trabalham com o jornalismo internacional são chamados de correspondentes internacionais, enviados especiais, entre esses há também os correspondentes de guerra, enviados de guerra, *stringues*, *freelancers* e *fixers*. Os correspondentes moram em um país que não é o de origem para poder reportar as notícias. Já o enviado especial vai para outro país em um determinado momento para noticiar algo específico, quando termina volta ou vai para outro em seguida (BRITTO, 2004).

Os correspondentes internacionais também são conhecidos como correspondentes fixos. Eles são repórteres que nascem em um país, mas depois, devido ao trabalho, moram no exterior. Eles podem ainda levar o cônjuge e os filhos, se tiverem (SARTORATO, 2005).

Eduardo e Silva Sartorato (2005) explica que o correspondente tem a oportunidade de estar em contato com outra cultura diariamente e por isso pode transmitir os acontecimentos com mais entendimento e clareza, até porque pode conseguir as fontes de informações mais relevantes.

Acredita-se que o primeiro correspondente do mundo tenha sido William Howard Russel, irlandês que cobriu a guerra da Criméia em 1854. Na época, ele era repórter do *The Times*, em Londres (SARTORATO, 2005). “Russel ficou conhecido por sua narrativa sobre o avanço da carga da Brigada Ligeira britânica sobre os oponentes durante a batalha” (KUHN, 2005, p. 3).

Já no Brasil, há indícios de que o primeiro jornalista a ser correspondente internacional tenha sido João Paulo Alberto Coelho Barreto, conhecido como João do Rio, por ter trabalhado para o jornal “O País” e recebido por isso (SILVA, 2011). Ele foi

enviado para Versalhes, na França, em 1918, para cobrir a Conferência do Armistício, e permaneceu na cidade por oito meses (SOUZA, 2009).

O cargo de correspondente de guerra é um dos mais prestigiados do jornalismo, apesar de cobrir um evento caótico que pode levar o profissional à morte e o risco de não ser bem aceito no local da cobertura (BRITTO, 2004). É um trabalho que demanda muito do repórter, tanto atenção ao que acontece ao seu redor quanto no cultivo de boas fontes, principalmente do governo (SARTORATO, 2005).

O enviado especial, ao contrário do correspondente, pode se dedicar a apenas uma matéria, sem necessidade de enviar informações diariamente. Ele fica por menos tempo em um lugar/região e por um tempo determinado. Geralmente, esse profissional é escolhido por ter maiores conhecimentos no assunto da pauta ou sobre o lugar onde ela acontece (RUSKY, 2013). É repórter de redação (nem sempre cobre a editoria internacional) e fica no local reportado até cobrir todo o assunto pautado, fazendo muitas vezes suítes – que seria cobrir com mais detalhes o assunto principal (GOMES, 2012).

Ambos, correspondente de guerra e enviado especial de guerra, deslocam-se do local onde moram até o de conflito, com o objetivo de “relatar os acontecimentos da forma mais objetiva e imparcial possível, garantindo a compreensão do fato ao leitor, ouvinte ou telespectador” (KUHN, 2005, p. 2). Além do perigo, eles ainda podem encontrar dificuldades ao chegarem na região, como a censura e/ou influência por parte das autoridades governamentais e dos militares (KUHN, 2005).

Os primeiros correspondentes de guerra internacionais brasileiros foram os repórteres Joel Silveira, do Diários Associados, e Rubem Braga, do Diário Carioca, durante a Segunda Guerra Mundial, no século XX. Ambos foram ao evento para noticiá-lo (SARTORATO, 2005).

O número de jornalistas, locais e internacionais, atuando em zonas de conflitos, tem aumentado devido a alguns fatores: desenvolvimento da tecnologia, interesse do público por mais e melhores informações sobre esses assuntos e os próprios interesses dos políticos, principalmente em se posicionar e divulgar mensagens (TOMÉ, 2006).

Tem ainda os *stringers* e *freelancers*, que, apesar de serem confundidos pela semelhança na forma de trabalhar, possuem algumas diferenças entre si. O primeiro é um colaborador fixo de uma empresa (que também pode trabalhar para outras), mas não possui contrato formal. Ele mora no local noticiado e geralmente trabalha para ela por mais tempo. Já o segundo produz conteúdo para qualquer veículo que quiser por tempo determinado,

sem manter vínculo fixo, podendo ainda trabalhar para diversos veículos ao mesmo tempo e cobrar por cada reportagem/matéria publicada. Este não precisa necessariamente morar no local da cobertura.

Agnez (2014), com base nos conceitos de Hannerz (2004), explica que essas duas funções, citadas acima, são tidas como informais na carreira dos correspondentes. Destaca, contudo, que muitos deles começam a trabalhar dessa forma, até serem contratados formalmente, quando o veículo se interessa pelo serviço prestado.

A figura do *freelancer*, nos Estados Unidos e em outros países mais desenvolvidos, é mais valorizada do que no Brasil. Ele cobre pautas especiais, produz aquelas que ele mesmo sugeriu e depois vende para os meios de comunicação. Contudo, nem todos os veículos utilizam essa estratégia. O *The New York Times* não incentiva a prática, prefere trabalhar com repórteres fixos e ainda proíbe os trabalhos extras, pois acredita que isso pode comprometer o serviço do profissional (JORGE, 2010).

O repórter que trabalha para um correspondente internacional ou enviado especial é chamado de *fixer* ou produtor local. Ele já mora na região onde a empresa pretende fazer a cobertura jornalística e ajuda o profissional estrangeiro a se ambientar no local, indicando fontes a serem entrevistadas, personagens, como abordar as pessoas, etc, serve como um guia local. “Às vezes, pode ser intérprete em entrevistas, motorista e assistente, de forma geral. O *fixer* apresenta um perfil próximo de um repórter da editoria Cidade/Geral” (GOMES, 2012, p. 133).

A editoria dos jornais que trata do jornalismo internacional é geralmente chamada de Mundo ou Internacional. Os profissionais que trabalham com ela, tanto repórteres quanto redatores/editores, devem entender de geografia, lugares e regiões, globo terrestre, problemas políticos, territoriais econômicos, relações internacionais e algumas coisas de diplomacia (JORGE, 2010, p. 85).

A editoria internacional, no Brasil, só surgiu no fim dos anos 1950, mesmo que as notícias internacionais já estivessem circulando antes, foi nessa época que apareceram equipes especializadas na área. Devido ao elevado custo de manter jornalistas no exterior, essa editoria se limitou à grande mídia (AGUIAR, 2008).

São poucos jornais pequenos, TVs e rádios do interior que a têm, e geralmente fazem o trabalho sem correspondentes, usando apenas o telefone e ajuda de colegas que já moram em outros países, como no caso do jornal goiano “O Popular” (SARTORATO, 2005).

4. COMPETÊNCIAS

Para ser correspondente, o jornalista precisa ter um vasto conhecimento, saber um pouco sobre tudo, pois ele terá que escrever no país em que está morando, para todas as editorias, por exemplo, política, cultura, economia e comportamento (BRITTO, 2004). Ainda tem que saber selecionar o que, de fato, será relevante para outros países, saber filtrar as informações e se pautar (BRASIL, 2012).

O conhecimento aprofundado que os repórteres possuem de uma certa região pode vir da família vinda de outro país ou de muita leitura sobre aquele local (Rusky, 2013; Britto, 2004). Ser filho de pais estrangeiros favorece mais ainda, porque ele convive com duas culturas desde a infância, o que proporciona um conhecimento maior em relação a outros profissionais.

O correspondente Samy Adghirni ressalta que a primeira coisa que uma pessoa tem que ter para ser esse tipo de profissional é o interesse pessoal por questões de outros países. Saber outro idioma é algo essencial nessa carreira, no caso do brasileiro, falar e entender o inglês. Será melhor se souber mais de uma língua, principalmente para o veículo contratante que reduz a despesa de pagar por um intérprete para acompanhar e traduzir o que o estrangeiro diz (BRITTO, 2004). É algo muito importante para que um correspondente internacional trabalhe em outro país.

Além disso, esse profissional ainda precisa lidar com conversas formais e informais de vários assuntos, além de fazer traduções, tendo sempre o cuidado com palavras semelhantes ao português, como a palavra *pretend*, que pode ser confundida com o verbo “pretender”, mas que significa fingir, em português (RUSKY, 2013).

John Hohenberg observa que a maioria dos correspondentes americanos são “homens maduros e educados” (1981, p. 25). Nem todos são políglotas, mas têm características semelhantes que são muito importantes, como a independência, capacidade de lidar com problemas, conhecimento aprofundado do trabalho que faz, facilidade de encontrar soluções para as situações difíceis e habilidade de compreender questões relevantes da história, geografia e cultura do local.

Para Utzeri (1989), o correspondente precisa ter um olhar aguçado para escolher bons assuntos, além de escrever muito bem, de forma que atraia o leitor, principalmente pelo fato de a editoria de internacional não ser tão lida. Esse profissional tem que mostrar a

essência das pessoas e do lugar onde ele está. Além de fazer comparações, ver coisas em comum entre as situações do país onde atua e o de origem.

Outro fator importante é se relacionar bem com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, o Itamaraty, outras áreas internacionais do governo e de empresas, como as embaixadas, consulados, etc. Além disso, tem que ser hábil para realizar entrevistas por telefone com pessoas de outros lugares do mundo (JORGE, 2010).

Esse jornalista deve ter ainda facilidade com a tecnologia, pois precisa ser multimídia e multiplataforma, de modo que desempenhe várias funções como: escrever, diagramar, fotografar, publicar matérias em diferentes suportes, como impresso, digitais, mandar conteúdo para a televisão, rádio, entre outros. Inclusive em alguns veículos, como a Folha de São Paulo, é obrigatório ter um *blog* com alimentação semanal de conteúdos (ADGHIRNI, 2013).

Muitas vezes, conteúdos complementares aos das reportagens são postados nos blogs dos correspondentes. Nesses espaços, eles têm a oportunidade de escrever mais sobre um assunto que foi publicado na mídia tradicional, inclusive a própria visão e opinião, acrescentar curiosidades, coisas interessantes e informações que foram cortadas na hora da edição (ARCHETTI, 2012).

Cristiana Mesquita (2002) comenta que, quando trabalhou para agências internacionais de notícias em coberturas de guerra, tinha que saber exercer várias funções, e na maioria das vezes a equipe era composta por apenas duas pessoas:

Repórteres e cinegrafistas são treinados para fazer muito mais do que suas respectivas funções exigem. Já aconteceu, por exemplo, de eu estar ocupada produzindo ou escrevendo uma matéria e o cinegrafista sair correndo para fazer uma entrevista; ou então o cinegrafista estar ocupado com uma edição e eu ter que sair para gravar imagens complementares (MESQUITA, 2002, p. 67)

Na maioria das vezes, os correspondentes internacionais brasileiros trabalham em casa sozinhos. Eles perdem o espaço que deveria ser chamado de “lar”, pois passam a maior parte do tempo trabalhando. Podem fazer até 11 matérias por dia, como foi o caso do jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva (SILVA, 2011).

Para Antônio Brasil (2014), há dois fatores que são levados em conta para que alguém seja correspondente:

[...] ser muito rico e bancar um longo período de desemprego ou pequenos ‘frilas’ no exterior ou ser um daqueles abençoados com um enorme Q.I, ou seja ‘quem indica’. O QI ainda é uma das maneiras mais recorrentes no jornalismo brasileiro para se conseguir um bom emprego ou uma boa colocação no exterior como correspondente internacional (BRASIL, 2014, p.6).

O autor diz que muitos jornalistas são ou já foram correspondentes, por indicação, por obra do acaso, ou por outros motivos não divulgados ainda, pois não há uma clareza, seleção, curso especializado ou alguma preparação específica para o cargo. Hohenberg (1981) diz o mesmo e acrescenta que alguns escolhidos para a correspondência precisam depois fazer cursos especiais com treinamentos rigorosos e dedicar várias horas do dia ao estudo de idiomas.

Por esse profissional lidar com muitos assuntos e ter grandes desafios, ele se destaca na profissão. “O jornalista que toma como matéria-prima essa montanha quase infinita de informações é, nas redações, um especialista respeitado. Ele lida com uma diversidade imensa de assuntos, com uma complexidade incrível de conflitos” (NATALI, 2011, p. 9).

Muitos têm a sorte de estar no lugar e na hora exata de um acontecimento que precisa ser noticiado. Outros pedem para ser testados pelos editores, mas nem sempre conseguem convencê-los. Os que conseguem ser correspondentes, muitas vezes, são por meio de promoções em jornais com equipe no exterior e agências de notícias, atuando em revistas ou jornais (HOHENBERG, 1981).

Atualmente, muitos jovens estão conseguindo ser correspondentes internacionais, no Brasil e também em outros países, devido ao fato de saberem fazer várias coisas sozinhos e de aceitarem baixos salários para exercer o cargo. O chamado correspondente da Era Digital, muitas vezes é *freelancer*, escreve bem, exerce um papel de empreendedor que vende o produto e manda o material por meio da internet (BRASIL, 2014).

Há jovens que aceitam essas experiências ganhando menos do que se atuassem na própria cidade, mas a maioria das oportunidades para eles são em zonas de conflito. Na guerra do Vietnã (primeira guerra noticiada em TV) e na guerra civil no Líbano, foi predominante a presença de jovens cobrindo as tragédias (HOHENBERG, 1981).

O profissional que deseja trabalhar com o jornalismo internacional pode atuar em grandes ou pequenos jornais impressos e online, TV, rádio e revistas, ou em agências de notícias. É importante ressaltar as possibilidades nas chamadas “mídias alternativas”, um exemplo, foi a revista “Cadernos do Terceiro Mundo”, fundada em 1974, mas que deixou de existir em 2006. Ela tratava de assuntos de países ainda em desenvolvimento, os que são menos noticiados pela grande mídia. Atualmente existe a agência/portal “Carta Maior”, criada em 2001, em São Paulo (AGUIAR, 2015).

Antes de atuar na profissão, é preciso entender que, apesar da imagem romantizada (viajar o mundo, morar no exterior, ter status) e heroica (no caso do correspondente de

guerra que arrisca a vida pela informação) da carreira, a realidade é dura, a rotina vai vir à tona, o tédio e as horas gastas escrevendo em um canto do quarto (WILLIAMS, 2011).

Com a chegada das novas tecnologias, no século XX, tanto o trabalho das agências de notícias quanto dos correspondentes foi facilitado. A internet permite mais mobilidade ao profissional de comunicação, pois agora ele pode enviar, a qualquer momento, textos, imagens, áudios e vídeos onde quer que esteja.

Os satélites e os computadores foram as primeiras técnicas que facilitaram o relato direto das informações, principalmente na Guerra do Golfo, em 1991. As evoluções tecnológicas na área da comunicação tiveram muita influência no desenvolver da sociedade. O professor e autor de livros, Harold Innis, foi o primeiro a perceber essa mudança. Mais tarde, Marshall McLuhan aprimoraria esse pensamento (SANTOS, 2003).

A internet facilitou o trabalho do jornalismo internacional, foi uma grande “revolução”, de modo que o profissional parou de ser tão dependente do material das agências de notícias, que demorava a chegar às redações, e passou (ele próprio) a buscar informações/dados rapidamente pela internet, sem precisar esperar. Além disso, foi possível reduzir custos, principalmente de ligações telefônicas ao exterior, pois a internet é muito mais barata (NATALI, 2011).

Apesar de ver tantas vantagens na internet, Natali (2011) assume que ela não substitui o quadro de correspondentes, mas afirma que ajuda na diversidade de informações colhidas sobre um assunto e auxilia os veículos de comunicação que não podem ter muitos profissionais no exterior.

Contudo a exigência tornou-se muito maior, principalmente pela velocidade de transmissão. Um exemplo é em relação ao fuso horário, que é diferente entre o Brasil e a Europa, às vezes um jornal brasileiro precisa noticiar um acontecimento em um certo momento, mas no outro país esse fato ainda não teve resultado, e mesmo assim os jornalistas precisam mandar conteúdo. Muitos se precipitam para cumprir com o trabalho e conseguir ser o primeiro a noticiar, mas o resultado pode ser desastroso, pois este não teve muito tempo de pesquisar e se aprofundar nos fatos, de variar nas fontes e analisar a veracidade das notícias (SILVA, 2011).

Com o surgimento da tecnologia, as notícias sobre outros países chegam mais rápido. Porém, qualquer indivíduo pode ser um produtor de informação, onde quer que ele esteja. Ele pode noticiar um fato, por uma foto, um áudio ou vídeo. Por isso, o trabalho do correspondente ficou um pouco desvalorizado (AGNEZ, 2012).

Sartorato (2005) também observa o impacto que a internet trouxe no jornalismo internacional. Para ele, do mesmo modo que ela trouxe benefícios por diminuir as distâncias, os custos na transmissão e por trazer a democratização da informação, ela trouxe casos a serem pensados, como o poder de qualquer pessoa divulgar as próprias notícias e opiniões em um lugar que não tem censura e que se torna visível para milhares de pessoas.

Antônio Brasil (2003) observou que as transmissões jornalísticas ficaram mais rápidas e interessantes, mas que tiraram também muitas vidas. Ele cita a transmissão da CNN, na Guerra do Iraque, com diversas notícias circulando pela internet, vídeos ao vivo da tragédia, principalmente por meio de videofone. Houve uma cobertura bem ampla, mas por outro lado, muitos jornalistas morreram em busca de notícias e imagens.

Atualmente encontramos notícias até mesmo nas redes sociais, livres e gratuitas, devido à rápida circulação de informação transmitida por qualquer pessoa. Muitos especialistas acham desnecessário ter estruturas físicas para a cobertura internacional. Por isso empresas/emissoras reduzem o quadro desses profissionais.

Contudo, Hamad Kiani, jornalista paquistanês, acredita que as informações passadas via redes sociais, realizadas por qualquer indivíduo, não podem ser comparadas ao trabalho dos jornalistas profissionais que vão apurar, investigar, checar, entrevistar diversas fontes, interpretar e contextualizar os acontecimentos, pois isso é informação jornalística, não rumores ou opiniões divulgadas na internet (DELLAGNELLO, 2013).

Mesmo assim, quando os donos de redações pensam na circulação fácil de informações pela internet, logo reduzem o número de profissionais para diminuir as despesas. Em acontecimentos internacionais, eles usam os materiais produzidos por amadores locais, e depois, se julgarem necessário, mandam um enviado especial para colher assuntos mais detalhados. Na falta dele, contentam-se com o produto das agências de notícias (VIEIRA, 2015).

No momento o mercado passa por uma crise de redução de profissionais de comunicação, principalmente os internacionais, por motivos tanto de dificuldades financeiras quanto de mudanças tecnológicas, mas Vieira (2015) relata que esse profissional não vai acabar.

Cristina Archetti (2012) também notou a diminuição do número de correspondentes nas organizações. Ela acredita que isso esteja relacionado aos avanços tecnológicos de comunicação, principalmente pelo fato de os equipamentos de gravação serem todos

portáteis, de fácil uso e por permitirem editar o material em qualquer lugar em que o profissional esteja.

Quem dá exemplos é o correspondente internacional Isaac Karipidis, o qual relata que antes ele precisava de cinegrafista, mas hoje em dia ele pode fazer tudo sozinho, pois tem a própria câmera e computador. Apesar de ter que assumir várias funções, ele vê a vantagem da redução de gastos com o avanço da internet (ARCHETTI, 2012).

“A figura do correspondente internacional, glorificada entre as décadas de 1970 e 1980 como o topo da carreira de repórter, está ameaçada” (AGNEZ; MOURA, 2015, p. 53). Atualmente quem está ocupando o cargo de correspondente internacional são os jovens, mas os que entram se deparam com um mercado precário que paga menos e exige cada vez mais.

Para alguns, o quadro de correspondentes está diminuindo, para outros está crescendo. Um exemplo de diminuição é em relação à emissora Record que tinha quatro correspondentes nos Estados Unidos, mas em 2013 reduziu para dois (VIERA, 2015). Porém, segundo o repórter Marcos Losekann, em palestra na Universidade Católica de Brasília, no caso da emissora Globo, o quadro está aumentando e contratando ainda mais pessoas jovens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos este trabalho, observamos as mudanças que o desenvolvimento da tecnologia provocou na área de atuação. Hoje, o correspondente precisa lidar com diversas plataformas digitais, exercer mais funções e mandar as notícias o mais rápido possível. Mesmo realizando todas essas tarefas, o profissional mais velho e experiente está sendo trocado pelos jovens que recebem menos e fazem mais.

É interessante observar também como um jornalista se torna correspondente, pois não há regras. Apesar das exigências, ele consegue geralmente por sorte, por ter familiares ou pelo “Q.I.” (quem indica) citado por Antônio Brasil (2014b). É uma função vista muitas vezes de forma “romantizada”, como diz Luciane Agnez (2014), mas muito cansativa e cheia de responsabilidades.

Identificamos profissionais que veem os benefícios e os malefícios das novas tecnologias. E por isso, vemos que é de fundamental importância refletir sobre as

https://www.academia.edu/2637877/_Which_Future_for_Foreign_Correspondence_London_Foreign_Correspondents_in_the_Age_of_Global_Media_Journalism_Studies_Special_Issue_on_The_Future_of_Journalism_13_5-6_847-856>. Acesso em: 15 dezembro 2015.

BALDESSAR, Maria José; DELLAGNELLO, Pedro Henrique. **Jornalismo hiperlocal e o desafio da criação de uma agenda noticiosa internacional plural**, 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41161>>. Acesso em: 19 abril 2015.

BRASIL, Antonio. **O fim de uma era (Correspondentes internacionais da TV Globo)**, 2003. In: EL HAJJI, Mohammed. **Jornalismo Internacional: sistemas internacionais de informação**, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apostila 2005.1, 2005. p. 62-64.

BRASIL, Antonio. **A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais**, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12901>>. Acesso em: 21 abril 2015.

BRASIL, Antonio. **Manual do correspondente internacional na era digital**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2014.

BRASIL, Antonio. **Além das fronteiras do glamour**, 2014. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2014/02/correspondentes-internacionais-procuram-alternativas-para-a-crise-no-jornalismo-4423194.html>>. Acesso em: 15 novembro 2015.

BRITTO, Denise Fernandes. **O papel do correspondente internacional na editoria exterior**, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/53839095583440982036530148915888169975.pdf>>. Acesso em: 21 abril 2015.

CAVALCANTI, Ricardo Bezerra. **Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método**, 2014. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/10000>>. Acesso em: 16 novembro 2015.

DELLAGNELLO, Pedro Henrique; BALDESSAR, Maria José. **Jornalismo hiperlocal e o desafio da criação de uma agenda noticiosa internacional plural**, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41161/26091>>. Acesso em: 02 outubro 2015.

GOMES, Ingrid. **Olhares sobre o outro**, 2012. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3067>. Acesso em: 02 março 2016.

HOHENBERG, John. A grande matéria: Washington, as nações unidas, o mundo, 1981. In: EL HAJJI, Mohammed. **Jornalismo Internacional: sistemas internacionais de informação**, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apostila 2005.1, 2005. p. 25-38.

Instituto de Psicologia - USP, Biblioteca Dante Moreira Leite. Disponível em: <<http://www.ip.usp.br/portal/images/biblioteca/revisao.pdf>>. Acesso em: 19 novembro 2015.

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do foca, guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2010.

KUHN, Adriana. **A história dos correspondentes brasileiros de guerra e sua relação com o poder estatal e militar**. Diss. Dissertação de mestrado em Comunicação. Porto Alegre: PUC-RS, 2005.

LOS MONTEROS, Guillermo G. E. de. **Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero**, 1998. Disponível em:
<http://codex.colmex.mx:8991/exlibris/aleph/a18_1/apache_media/2ABM9V9CHVIEUG92B8Q869C5KJ7X4I.pdf>. Acesso em: 16 março 2016.

MESQUITA, Cristiana. **Cobertura Internacional é para gente grande**, 2002. In: EL HAJJI, Mohammed. **Jornalismo Internacional: sistemas internacionais de informação**, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apostila 2005.1, 2005. p. 67-69.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

PROJETO PILOTO. **Jornalismo Internacional**, 2014. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=hU0Np8p1NPg>>. Acesso em: 14 março 2016.

RUSKY, Renata Silveira. **O perfil e a rotina de correspondentes internacionais**, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5057/1/2013_RenataSilveiraRusky.pdf>. Acesso em: 21 abril 2015.

SANTOS, José Rodrigues. **Em directo da guerra: o impacto da guerra do golfo no discurso jornalístico**, 2003. In: EL HAJJI, Mohammed. **Jornalismo Internacional: sistemas internacionais de informação**, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apostila 2005.1, 2005. p. 79-82.

SARTORATO, Eduardo e Silva. **Correspondência Internacional, privilégio da grande mídia**, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4453/5/TCCG%20-%20Jornalismo%20-%20Eduardo%20e%20Silva%20Sartorato.pdf>>. Acesso em 5 março 2016.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, Patrícia de Castro. **João do Rio: o repórter com alma de flâneur conduz a crônica-reportagem na belle époque tropical**, 2009. In: AGNEZ, Luciane Fassarella. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais**, 2014. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17031/1/2014_LucianeFassarellaAgnéz.pdf>. Acesso em: 06 abril 2015.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 51-61.
TOMÉ, Paula Monge. **Os jornalistas em cenários de conflito**, 2006. Disponível em:
<http://janusonline.pt/2006/2006_1_1_13.html#dados>. Acesso em: 17 fevereiro 2016.

UTZERI, Fritz. **Do outro lado do mundo**, 1989. Disponível em:
<<https://www.passeidireto.com/arquivo/2513034/fritz-utzeri---do-outro-lado-do-mundo>>. Acesso em: 14 novembro 2015.

WILLIAMS, Kevin. **International journalism**, 2011. In: AGNEZ, Luciane Fassarella. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais**, 2014. p.58. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17031/1/2014_LucianeFassarellaAgnéz.pdf>. Acesso em: 17 dezembro 2015.